

Desarmar-se: o Brasil agradece

POR: MARIA CLARA L. BINGEMER

O Brasil, neste momento, vive o processo da campanha e da legislação destinadas a limitar o porte de armas por parte de seus cidadãos. E enquanto a campanha cresce e caminha, estimulada pelos pacifistas, encontra obstáculos na ação de lobistas e grupos a quem interessa que as armas proliferem e que os cidadãos comuns, alarmados pela insegurança das grandes cidades, passem a comprá-las. O argumento é de que as pessoas de bem precisam defender-se dos bandidos, que sempre andam armados. E para tal é preciso ter uma arma em casa.

As pesquisas de instituições que trabalham em favor da paz demonstram que, hoje em dia, as armas de fogo, mesmo as pequenas e leves, são as mais usadas no genocídio e na destruição em massa ora em curso em nosso país e no mundo. Os números - assustadores! - mostram que enquanto, a cada ano, cerca de 500 mil pessoas morrem no mundo por causa de armas de fogo, o Brasil é protagonista de uma décima parte desse macabro total. E as vítimas são na sua maioria jovens entre 15 e 24 anos, do sexo masculino. É toda uma geração sacrificada pelo flagelo das armas oferecidas e usadas irresponsavelmente.

Armas pequenas são de fácil aquisição, de forma legal ou ilegal. Fáceis de esconder e usar, e difíceis de controlar. As conseqüências podem ser vistas todos os dias nos jornais e nos telejornais. Homens, mulheres e crianças estão na mira da violência nas favelas e no asfalto das cidades brasileiras. Nas ruas e nas escolas, a todo momento alguma bala perdida ou intencional pode matar ou inutilizar para sempre um jovem, uma criança, um adulto. Adolescentes e jovens são os que correm o maior risco, estando assim ameaçada toda uma geração e, por extensão, o futuro do país.

A venda livre de armas mudou a face e a natureza da violência urbana. Quando há armas por perto, conflitos banais podem tornar-se tragédias irreversíveis. Sociedades antes tranqüilas passam a ser campos de batalhas para gangues urbanas. Mesmo após o fim dos conflitos, os esforços para o perdão e a reconciliação são frustrados pela instabilidade causada por essas armas e seu potencial letal colocado nas mãos erradas e na hora errada.

A arma de fogo pode não ser a causa direta da violência, mas certamente é um dos principais instrumentos para sua prática em momentos de conflitos. Assim, é muito mais um perigo do que uma proteção, pois cria uma falsa sensação de segurança e desmobiliza os esforços para construir trabalhosa e diuturnamente a concórdia e a paz. O uso da arma de fogo para resistir a um assalto na verdade aumenta as chances de a vítima ser baleada ou morrer.

Como todo instrumento de prática da violência, seja qual for, a posse e o porte da arma de fogo transformam todos nós em potenciais assassinos, possíveis suicidas ou truculentos

guerreiros. Carregar consigo o recurso para matar indica que admitimos, ainda que inconscientemente, a possibilidade de fazê-lo. E, se assim for, nunca conseguiremos construir um futuro melhor e mais pacífico para nossos filhos e seus descendentes. Talvez nem tenhamos descendência para gerar e criar. Podemos ter matado a vida no seu nascedouro, bastando para isso um segundo de distração, incúria, exaltação ou infeliz acaso.

Desarmar-se, mais do que depor fisicamente um instrumento letal, deve começar pela atitude interior de não admitir carregar consigo nada que possa, ainda que remotamente, acrescentar uma fagulha que seja à incandescente violência que assola nosso país e o mundo em que vivemos. Portanto, desarmemo-nos. E ajudemos amigos e conhecidos, inimigos e rivais, a fazer o mesmo: baixar as armas para que a paz seja possível. Ajudemos o Brasil a desarmar-se, se quisermos que, depois de nós, ainda haja vida em abundância para todos.